

ca, como não o eram de maneira alguma nas metrópoles centrais. De todo modo, soa estranhamente atual um anúncio feito publicar na *Gazeta* por um certo Studio Haraldo que representava na cidade os equipamentos cinematográficos Pathé. A empresa oferecia às famílias campineiras a inédita oportunidade de terem “um cinema em casa”.

Um cinema em vossa casa
O PATHÉ BABY
diverte e instrui por pouco dinheiro
e é manejado por qualquer criança.
600 filmes em aluguel. Cenas de vossa
família podem ser reproduzidas
no mesmo dia.
Demonstrações grátis no
STUDIO HARALDO
Rua César Bierrembach, 12²⁹

Era natural que, tendo acesso quase imediato às inovações tecnológicas dos anos 20, a província campineira se visse compelida a desenvolver um lirismo contaminado do influxo de suas transformações. “Quando um poeta moderno anota com vários fonemas o ruído de um avião”, diz Apollinaire em sua conferência de 1917 sobre o espiritonovismo, “é preciso ver antes de tudo o desejo que ele tem de habituar o seu espírito à realidade”. Isto já era verdade para Apolônio Hilst em 1922, quando pela primeira vez ele tenta sintonizar sua expressão poética com o século que o fascinava. Vale notar que o poema que se segue, extraído de um de seus cadernos de anotações, é contemporâneo das primeiras produções modernistas de São Paulo:

Os ciganos do meu sangue pedem novos cenários...
Querem outras terras, outras gentes,
inéditas mulheres...
Os ciganos do meu sangue são século vinte!
Preferem o azul ao verde
e estrelas para as suas barganhas...
São malucos e exigentes
e sutis nas suas artimanhas...
Ciganos de requinte,
boêmios interplanetários.
Suas barracas são feitas de azul
e suas camas de nuvens...
Não andam, voam. São século vinte!

Malabaristas ou gênios na vasta barraca à luz das estrelas,
fazem prodígios elásticos
nos saltos mortais dos *looping the loops*...
Os ciganos do meu sangue pedem novos cenários...
Outras terras, outras gentes,
inéditas mulheres para inéditos calvários...
Os ciganos do meu sangue são século vinte!³⁰

Numa de suas cartas a Menotti, Apolônio especifica melhor quem seriam os tais “ciganos do sangue”. Deles se vale, aliás, para a formulação gaiata de um possível futurismo pessoal — o “aeroplanismo” — do qual ele não seria absolutamente o chefe. Ao felicitar Menotti pela deflagração do “cisma futurista”, intitulado-o “papa hereje” do movimento, Apolônio refere-se jovialmente a essa outra peculiar escola, naturalmente pilhérica:

O teu cisma, de resto, não é único, nem primeiro. Eu tenho um amigo futurista como nós, inventor duma escola de que é papa legítimo, e que já tem bispos e missionários. Ele diz que Deus ou o futurismo podem ser estreitos demais para os seus vãos largos. É aeroplanista. Quer, na arte da vida, a convivência das estrelas, e a vertigem dos *looping the loops*... É a escola voadora por excelência e a mais larga de infinitos. Um dia talvez vejas cair do céu uma chuva de tuas encíclicas³¹

O tal amigo existia de verdade e era o aviador João Ribeiro de Barros, autor de uma travessia atlântica no hidroavião *Jaú* e vencedor de *raids* aéreos nos anos 20. Apolônio chega a cognominá-lo, em certo momento, João Futurista. Não tem obra escrita, mas seus arabescos no ar são elevados por Apolônio à categoria estética, o que afinal é obtido alargando-se ao máximo o sentido semântico da conquista aviatória. É certo que a blague traduz também sua insatisfação pessoal com o termo “futurista”, a essa altura já em processo de deterioração semântica. Numa nota solta da mesma época, pondera: “Como a palavra está irremediavelmente perdida e os burgueses exigem um rótulo para a minha arte, eu direi que sou por enquanto aeroplanista”. Fosse lá o que fosse, ainda que na obscuridade dos grotões de Jaú, ele era o “ser vibrátil e superexercitado” de que fala o cronista da *Gazeta*. Mais que isso, era o homem do século tentando manejar a realidade do seu tempo, servindo-se, para tanto, dos símbolos que a época lhe oferecia.